

Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço¹

Edgar Radtke & Harald Thun

Tradução: Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf²

Revisão: Cléo Vilson Altenhofen³

1. SOBRE A "CRISE" NA GEOLINGÜÍSTICA ROMÂNICA ATUAL
2. OBJETIVOS DO SIMPÓSIO
- 2.1. Tirar proveito da divisão da geolingüística românica
- 2.2. Nossa perspectiva
- 2.3. A América Latina como centro de interesses regional
- 2.4. Línguas crioulas e geografia lingüística
3. INOVAÇÕES NA GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA MODERNA
- 3.1. A geografia lingüística / geolingüística como ciência geral da variação
- 3.2. Ampliação do inventário de parâmetros
- 3.2.1. Parâmetro diastrático
- 3.2.2. Parâmetro diageracional
- 3.2.3. Elucidação teórica e consequências metodológicas
- 3.2.3.1. Diatópico é "estrático"
- 3.2.3.2. Dialectologia urbana
- 3.2.4. Parâmetro diassexual
- 3.2.5. Parâmetro diafásico
- 3.2.6. Saber metalingüístico
- 3.2.7. Topostática e topodinâmica
- 3.2.8. Inclusão do contato lingüístico
- 3.3. Problemas decorrentes e caminhos para a sua solução
- 3.3.1. Definição dos parâmetros
- 3.3.2. Representatividade através da pluralidade de informantes
- 3.3.3. Documentação do polimorfismo
- 3.3.4. *Continuum* ou *Gradatum*
- 3.3.5. Representação gráfica do polimorfismo e da pluridimensionalidade
- 3.3.6. Novas técnicas de processamento de dados
- 3.3.7. A cooperação técnica
- 3.3.8. Sistema de transcrição
- 3.4. Inclusão de níveis complexos da estrutura da língua
- 3.4.1. Sintaxe
- 3.4.2. Entonação
- 3.4.3. Textos
- 3.4.4. Procedimentos paralingüísticos
- 3.5. A geolingüística e as ciências adjacentes
4. UMA VISÃO DE CONJUNTO

¹ Publicado originalmente in: RADTKE, Edgar / THUN, Harald [eds.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. (Heidelberg/Mainz, 21.-24.10.1991.) Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 01-24. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)

² Instituto de Letras – UFRGS.

³ Instituto de Letras – UFRGS.

1. SOBRE A “CRISE” NA GEOLINGÜÍSTICA ROMÂNICA ATUAL

Falar da “crise” de uma disciplina é algo bem visto no “discurso” das ciências modernas. Tal crítica global não significa muito para o geolinguísta, quando proferida por um colega distante, pouco engajado no trabalho empírico. Mas quando este percebe decair, nas disciplinas adjacentes, o interesse pela geografia lingüística e se tornar raro o surgimento de jovens pesquisadores na própria área e, com isso, se enfraquecer a pesquisa geolinguística, então passa a se inquietar.

Não se pode negar a interrupção da pesquisa geolinguística e isso justamente na romanística de língua alemã. Com isso, parece que se perdeu a função da geografia lingüística como ciência direcionadora, da qual outras disciplinas esperam novos conhecimentos.

A verdadeira ou suposta crise manifesta-se sobretudo na crítica aos pressupostos teóricos da dialetologia em geral e, com isso também na geolinguística românica, bem como no seu distanciamento da realidade. Assim se pretende dar a entender que a dialetologia e a geolinguística teriam sido superadas por ciências como a sociolinguística, a pragmática, a psicolinguística, a lingüística de contato, a pesquisa oral e de expressão escrita, por não terem encontrado conexão com o mundo moderno da cidade, com a mobilidade populacional e com os meios de comunicação de massa. Em poucas palavras: a geografia lingüística estaria ultrapassada e obsoleta. Tal generalização exclui a possibilidade de que, no futuro, as ciências mencionadas possam, em algum momento, aproveitar os frutos da geografia lingüística, ainda assim a mais empírica dentre as disciplinas lingüísticas descritivas.

Ao se registrar o “out put” geolinguístico, ou melhor, a produtividade de nossa disciplina, também poderia ser identificada uma crise estrutural e organizacional. Em diversas áreas da România, se têm formado cemitérios de dados, sendo enterrados, geralmente em total silêncio, projetos inteiros de geografia lingüística. Alguns grandes empreendimentos não resultaram sequer em um volume de mapas, outros em somente um. Muitos projetos não sobrevivem à sua apresentação, outros necessitam de uma quantidade de tempo assustadora até estarem prontos. Aqui encontra-se um problema realmente coletivo, o qual não deveria seguir sendo reprimido, mas sim discutido abertamente.

Mas boa parte da “crise” da geografia lingüística românica pode ser interpretada como uma crise de informação. Isso em dois sentidos. A inegável diminuição do interesse da lingüística em seu ramo auxiliar da geografia lingüística (nós utilizamos o termo “geolinguística” como sinônimo para “geografia lingüística”) é também um “não querer saber”, consequência de uma moda que, no momento, se volta para outras direções e, por isso, não leva em consideração inovações significativas que ocorreram na geolinguística nos últimos anos. Por outro lado, a própria geolinguística não se dá a conhecer de modo suficiente.

Certos geolinguístas ficam admirados quando descobrem que, além dos limites de sua língua, não se está mais procurando somente o “dialeto-base” mais arcaico, se possível livre de contatos.

Nos parece que a geolinguística românica está, na verdade, dividida. Não podemos reconhecer uma crise total, algo como “o apogeu e ponto de mudança de uma doença”. Contudo, o que se observa, por outro lado, é o passo acelerado de alguns para experimentar novos parâmetros, métodos e também meios técnicos, enquanto outros ainda seguem comodamente na via única da variação diatópica.

2. OBJETIVOS DO SIMPÓSIO

2.1. Tirar proveito da divisão da geolinguística românica

Quando organizamos o Simpósio “Novos caminhos da geolinguística românica”, em Heidelberg e Mainz, cujos anais ora apresentamos, não estávamos partindo de uma crise, mas de uma divisão da geolinguística românica. Nós queríamos incitar a um balanço do trabalho realizado e converter essa divisão em algo frutífero, reunindo representantes da geografia lingüística monodimensional, mais antiga, para um diálogo com inovadores. Assim, pensamos, a sólida experiência geolinguística faria transitáveis os novos caminhos. Por isso, foi expressamente solicitado aos participantes do Simpósio que se referissem a questões empíricas e ao tratamento de problemas práticos como organização, coleta de dados e processamento de dados. Por isso, se deu espaço tanto para a discussão quanto para as palestras e, por isso, foram acrescentadas às reuniões de Heidelberg visitas a oficinas em Mainz (no *Mittelrheinischer Sprachatlas*, no *Kleiner Deutscher Sprachatlas*, no *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*).

2.2. Nossa perspectiva

Nossa perspectiva própria foi a da geolinguística românica de língua alemã. Em uma época, em que a romanística alemã tende fortemente à autodissolução através da fragmentação, nós queríamos verificar claramente a conexão entre as pesquisas nas distintas línguas românicas. O convite feito a geolinguístas da germanística e da anglística deveria, além disso, auxiliar na superação do déficit de informações interdisciplinares.

2.3. A América Latina como centro de interesses regional

Regionalmente, nós nos voltamos de forma especial à América Latina, não apenas por ser a geolinguística nesses países a menos conhecida pela geografia lingüística européia e pela romanística, mas também porque aqui a romanística alemã encontra possibilidades e obrigações que ainda não lhe parecem estar bem claras. Os países da România européia realizam quase todos suas próprias

pesquisas geolingüísticas no que se refere a grandes atlas regionais e nacionais. Em regiões pequenas (como nos Montes Dolomitas-Ladínia ou no Vale de Arán), ou para novas abordagens metodológicas (por exemplo, na Campânia), sempre há espaço e necessidade para as iniciativas da romanística de língua alemã.

Na América românica, apesar de esforços consideráveis e de projetos de atlas inovadores quanto ao método – assim, por exemplo, na parte francesa do Canadá, no México, na Colômbia e em alguns estados brasileiros – existem ainda muitos espaços em branco no mapa geolingüístico (veja-se THUN, H. [1992], *Atlanti linguistici dell'America latina*. In: G. RUFFINO [ed.], *Atlanti linguistici italiani e romanzi. Esperienze a confronto*. Palermo: 231-271). Com sua sólida infra-estrutura acadêmica e, sobretudo, com seu inerente posicionamento apartidário e seu tradicional interesse imparcial por todo fato lingüístico, a romanística germanófona deveria vir auxiliar os colegas latino-americanos.

Um terreno completamente novo se ofereceria a ela na pesquisa geolingüística do contato entre as línguas dos recém-chegados românicos e da população americana anterior. Os processos de hispanização e de lusitanização observados aí em grande escala poderiam lançar uma nova luz sobre a velha romanização na Europa.

Não consideramos o estudo de minorias de língua alemã nos países românicos apenas como uma tarefa, mas como uma verdadeira obrigação da romanística de língua alemã. Verifica-se, principalmente na América Latina, uma necessidade imperiosa de recuperar o terreno perdido na pesquisa dessas situações de contato germano-românico. Isso se torna especialmente evidente quando comparamos os escassos estudos monográficos que se têm publicado sobre os grupos de falantes alemães na América hispânica e lusa com a grande quantidade de trabalhos pontuais e inclusive já geolingüísticos existentes (por exemplo GILBERT, Glenn G. [1972], *Linguistic Atlas of Texas German*. Marburg), sobre o contato inglês-alemão na América anglo-saxônica. A supremacia germanística se deve, certamente, também ao seguinte motivo:

Tanto os germanistas norte-americanos como os alemães dominam normalmente ambas as línguas (na verdade, grupos de variedades) que se reúnem no contato lingüístico inglês-alemão.

Quem, no entanto, poderá realizar o mesmo trabalho para a América Latina, se não a romanística de língua alemã em colaboração com a germanística européia e com os poucos germanistas (de origem alemã) da América Latina? O fato de que essa grande área de pesquisa precisa ser encarada de forma conjunta comprova-se através das atividades, ou melhor, das não-atividades realizadas até agora. A germanística alemã pouco estudou o contato lingüístico alemão-latino-americano, provavelmente por falta de conhecimento das línguas românicas. A germanística latinoamericana, de débil formação, se ocupa quase exclusivamente com a literatura alemã. Entre os hispanistas e lusitanistas latinoamericanos, além

do interesse prioritário pelos próprios temas “românicos”, costuma faltar o conhecimento da língua alemã. (Uma impressão do quanto são multifacetados e difundidos esses contatos lingüísticos teuto-latino-americanos, obtém-se nos correspondentes capítulos da visão geral de BORN, J. & DICKGIESER, S. [1989], *Deutschsprachige Minderheiten*. Mannheim.) Nosso Simpósio deveria direcionar interesses e energias para esse campo de pesquisa, situando-o porém nos moldes mais gerais da concepção geolingüística das situações de minorias.

2.4. Línguas crioulas e geografia lingüística

Deveria ser dado um impulso inovador à pesquisa geolingüística das línguas crioulas românicas. No que concerne às línguas crioulas francesas, tem-se que os departamentos de além-mar estão incluídos no programa dos atlas lingüísticos franceses. Os primeiros dois volumes do atlas lingüístico de La Réunion mostram, contudo, que aqui não se aproveitou a oportunidade de abandonar os caminhos tradicionais do NALF. O tratamento prioritariamente monoparamétrico dos grupos populacionais europeus e a confusa imagem cartográfica não permitem perceber muito bem a influência da crioulistica e de técnicas de outros projetos de atlas (cf. BOLLÉE, A. [1993], “Der Atlas linguistique et ethnographique de la Réunion”. In: O. WINKELMANN, *Stand und Perspektiven der romanischen Sprachgeographie*, Wilhelmsfeld: 193-206). No Simpósio, não houve ninguém que falasse sobre a geolingüística das línguas crioulas. Talvez pelo menos estes anais tenham o efeito de estimular a pesquisa nessa área.

3. INOVAÇÕES NA GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA MODERNA

3.1. A geografia lingüística / geolingüística como ciência geral da variação

Ficou claro, durante o Simpósio, que a geolingüística moderna caminha para tornar-se uma verdadeira ciência da variação, no sentido amplo do grego *diálektos*. Essa ciência deveria, na realidade, alterar o seu nome e não mais denominar-se “geografia lingüística” ou “geolingüística”, mas sim chamar-se “ciência da variação” (*Variationswissenschaft*) ou algo equivalente.

3.2. Ampliação do inventário de parâmetros

A variação “diatópica” ou “areal” mencionada anteriormente, à qual a geografia lingüística, como é conhecido, se tem restringido, quase sem exceção, até nossos dias, é pelo contrário ampliada em não poucos dos projetos apresentados no Simpósio. Isso vale tanto para projetos em fase de planejamento ou em andamento, quanto para projetos já adiantados ou recentemente concluídos.

3.2.1. Parâmetro diastrático

A ampliação mais freqüente realiza-se a partir da combinação do parâmetro diatópico com o diastrático e o diageracional. Isso é o que ocorre, tomando por base os projetos avançados, no *Mittelrheinischer Sprachatlas/Atlas Lingüístico da Renânia Central* - MRhSA (G. BELLMANN e seus colaboradores), no *Atlas lingüístico de México* - ALM (J. M. LOPE BLANCH) e no *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* - ADDU (H. THUN & A. ELIZAINCÍN). Enquanto o MRhSA combina, nos informantes de sua segunda série de gravações, os parâmetros “diastrático” (G. BELLMANN fala de *Sozialität* “socialidade”) e “diageracional”, o ADDU os mantém separados.

No *Atlas lingüístico (y etnográfico) de Castilla-La Mancha* - ALECMa (planejado por P. GARCÍA MOUTON & F. MORENO FERNÁNDEZ), a ampliação da dimensão diatópica para a diastrática se limitou desde o princípio aos pontos urbanos. O *Atlante linguistico della Sicilia* - ALS, cujo extenso programa é descrito por G. RUFFINO, tem previsto, em adição à rede diatópica básica que cobre a área, um “*secondo reticolo variazionale*”. Os pontos a serem explorados nessa segunda etapa foram selecionados, e ainda são selecionados, seguindo análises sociológicas detalhadas, feitas *antes* do levantamento de dados lingüísticos. No ADDU, em contrapartida, e, segundo parece, também no ALM, a variação diastrática se reduziu a uma dimensão monostrática durante a própria entrevista, e isso sempre que não se encontrava representantes de um grupo diastrático de contraste (o que, aliás, se sucedia, no caso do ADDU, normalmente para a classe sociocultural não-baixa). Naturalmente, é melhor traçar um perfil sociológico, antes de iniciar o trabalho lingüístico. Contudo, nem sempre se conta com o tempo necessário para fazê-lo.

3.2.2. Parâmetro diageracional

Na prática, o parâmetro diageracional é significativamente mais fácil de operar do que o diastrático. Através da combinação daquele parâmetro com o diatópico, a geolingüística realiza um desejo que lhe é antigo, qual seja de, em cartas lingüísticas diatópicas, tornar visível a diacronia. A variação diageracional expressa – desde que por meio de uma apresentação cartográfica clara – o “tempo visível”, porque reproduz a convivência das gerações.

Um número considerável de contribuições do Simpósio documentam o valor científico incontestável do parâmetro diageracional inclusive fora dos atlas que abrangem grandes superfícies. A partir de alguns resultados de sua monografia sobre o Vale de Arán, O. WINKELMANN nos mostra a utilidade desse parâmetro para a análise de situações complexas de contato lingüístico “alogotas”. E. RADTKE, em um estudo prévio para uma investigação mais extensa sobre a Campânia, nos mostra como, ao considerar a variação diageracional e os deslocamentos que se observam nessa dimensão, se pode e se deve precisar o

clássico procedimento de síntese que é o traçado de isoglossas. Desse modo, a isoglossa perde sua má fama de “*terrible simplificatrice*”. Se existe a possibilidade de estabelecer comparações com entrevistas mais antigas (como neste caso graças ao AIS), o parâmetro diageracional multiplica e condensa os cortes sincrônicos no momento final presente do eixo do tempo.

Em um espaço microdialeológico reduzido, J. BLASER mostra como, no exemplo do município de Bagé (Rio Grande do Sul, Brasil), a “desispanização” (*Enthispanisierung* ou perda crescente dos antigos efeitos do contato lingüístico) pode ser observada na dimensão diageracional. N. DÍAZ, em resultados extraídos de seu estudo sobre uma ilha lingüística vestfaliana no mesmo estado brasileiro, verifica o processo no sentido oposto, isto é, a crescente lusitanização das gerações mais jovens. A contribuição de C. FORTE sobre a pequena cidade argentina de Berisso, onde, devido à imigração, existiu durante certo tempo uma multiplicidade realmente incrível de línguas em um espaço muito reduzido, permite reconhecer que através de um metucioso “panel analysis” diageracional a situação de contato extrema ainda pode ser parcialmente percebida. Contudo, somente em parte. Por isso, lamenta-se que uma análise diageracional não tenha sido realizada mais cedo e quando ainda era tempo. Também nos resultados parcialmente apresentados por H. THUN a partir do estudo da adaptação de um grupo de montevideanos a sua nova cidade de residência (Rivera), o parâmetro diageracional, associado ao diastrático, se mostra relevante: o grupo que mais se acomoda é o da geração de jovens de classe sociocultural baixa; o que menos se adapta é o da geração mais velha de classe sociocultural alta.

3.2.3. Elucidação teórica e conseqüências metodológicas

Várias contribuições do Simpósio assinalam ou permitem concluir que a ampliação do parâmetro diatópico com o acréscimo do diastrático e do diageracional não está isenta de problemas.

3.2.3.1. Diatópico é “estrático”

Por ora, não pode ser afirmado com suficiente clareza que o parâmetro diatópico, contrariamente à metáfora do espaço que o designa, é também “estrático”, porém “monoestrático” (contanto que os informantes, por um descuido imperdoável, não sejam misturados). Isoglossas e fenômenos individuais existem não no espaço mas na fala de grupos que, por sua vez, são estreitamente vinculados a um espaço. Diatópico é monoestrático.

3.2.3.2. Dialetoлогия urbana

É lógico que a diatopia deve inscrever-se também nos pontos urbanos. Grandes centros como Roma (veja-se a contribuição de G. BERNHARD) distribuem

se como “paisagens lingüísticas” tanto quanto as zonas rurais. A dialetologia urbana, muito solicitada e, no terreno da Romanística, ainda estacionada nos seus inícios, precisa ser aperfeiçoada com a sociolingüística em sua área de trabalho predileta, ampliando os aspectos verticais pontuais para uma análise horizontal-espacial e vertical. O ALECMAN prevê uma subdivisão dos pontos urbanos em “barrios”, o ADDU considera pelo menos Montevideu como superfície explorada em seis pontos (bairros com suposta vida lingüística própria). Em todo caso, os novos projetos apresentados no Simpósio deixam claro que ninguém pensa em excluir as cidades através da rede de pontos analisada. Neste sentido, a tradição fundada pelo AIS venceu a mais antiga, em cujos começos se situa o ALF.

3.2.4. Parâmetro diassexual

Na era da emancipação feminina, parece surpreendente que o parâmetro biológico ou “diassexual” seja considerado em tão poucos atlas. Haverá um comportamento especial ligado à variável sexo? As respostas a esta pergunta se tornaram complexas hoje em dia. Além disso, tais respostas atingem, no sentido estrito da interação lingüística, não apenas aos informantes, mas também aos inquiridores.

F. MORENO FERNÁNDEZ traça um quadro geral da discussão, que tem seus inícios já na antiga geografia lingüística, desembocando hoje na sócio- e na psicolingüística. A pergunta geralmente feita, se, devido à sua maior paciência e sensibilidade, as mulheres não seriam informantes melhores, ou se pelo menos teriam melhores conhecimentos sobre temas como administração do lar do que os homens, tudo isso não aponta ainda para a variação diassexual. Mas cedo já surgem perguntas no sentido da variação, para as quais ainda se procura por ora respostas globais, como, por exemplo, se o comportamento lingüístico das mulheres é mais conservador ou mais inovador do que o dos homens, ou se a diferença biológica na verdade não seria uma diferença social produzida pela distribuição fixa dos papéis sociais na sociedade.

Entre os atlas lingüísticos românicos já publicados não temos conhecimento de nenhum que contraste o parâmetro diassexual explícita e sistematicamente nos mapas. Mesmo o *Atlas lingüístico da Paraíba* (cf. M^a do Socorro SILVA DE ARAGÃO), totalmente elaborado por mulheres, não considera a diferença biológica. Já Vanderci de Andrade AGUILERA, em seu *Atlas lingüístico do Paraná* (Assis, 1990, 2 vol.), dá um passo adiante ao assinalar as respostas dadas por informantes femininas com “O” e as dadas por homens com “o”. Contudo, dado que, em princípio, não se inquiriu em todos os pontos informantes de ambos os sexos, este atlas regional brasileiro se configura como explícito quanto à indicação do sexo (masculino ou feminino), porém não é sistematicamente contrastivo. O mesmo vale para alguns mapas do *Atlas lingüístico y etnográfico de Andalucía*.

Entre os atlas planejados que foram apresentados no Simpósio, o siciliano (cf. G. RUFFINO) e o de Castilla-La Mancha (cf. F. MORENO FERNÁNDEZ) prometem ser diassexuais e contrastivos. Nas gravações do último atlas, o ALECMAN, o parâmetro diassexual se aplica também aos inquiridores: mulheres entrevistam a mulheres, e homens a homens. Esse procedimento se inscreve também no capítulo dos avanços nas técnicas de levantamento.

Quanto aos atlas lingüísticos românicos em vias de publicação, ou que se encontram ao menos na fase da cartografia dos dados, o ALM (cf. J. M. LOPE BLANCH) pode ser considerado *potencialmente diassexual*, e o ADDU (cf. H. THUN) *seletivo-implícito* quanto ao parâmetro diassexual. O atlas mexicano (ALM) tem entrevistado em todos os lugares informantes masculinos e femininos separadamente, em parte inclusive mais de um representante de um ou outro sexo. O mesmo critério de separar homens e mulheres não foi aplicado a todos os demais parâmetros (diageracional, diastrático), – o qual haveria duplicado o número de gravações –, mas independente destes parâmetros, de modo que a diferença de sexos funciona, na verdade, somente por casualidade como variável no plano dos demais parâmetros. Por outro lado, nos mapas (ao menos no único volume publicado até o momento) *não* se contrasta a diferença biológica. Os informantes estão representados numericamente, de maneira que há que apelar ao registro correspondente para identificá-los. Devido a essas duas limitações, o ALM é potencialmente diassexual, o que é válido também para outros atlas sempre que tenham entrevistado em um ponto a vários informantes que não sejam exclusivamente homens ou mulheres. No atlas do Uruguai (ADDU), renunciou-se a uma entrevista completa diassexual por razões financeiras e de tempo. Contudo, graças ao princípio da pluralidade dos informantes, realizaram-se, na maioria dos pontos, entrevistas com homens e mulheres, isso inclusive em cada um dos demais parâmetros. Pelo menos para fatos de ordem fônica, é possível apresentar o contraste diassexual explicitamente nos mapas. (É o caso do zeísmo / feísmo, onde as informantes femininas se mostram claramente mais inovadoras que os homens.)

Que alguém faça o esforço de extrair dos atlas já publicados o parâmetro diassexual, é pouco provável. Por esta razão seria de se esperar que os atlas que estão surgindo representem esta dimensão de maneira explícita e contrastiva em seus mapas. Com seu vasto material, a geografia lingüística confirmaria ou corrigiria várias afirmações algo apressadas da sócio- e da psicolingüística, bem como da lingüística feminista.

3.2.5. Parâmetro diafásico

A possibilidade de alcançar a variação diafásica (estilística) existe também na situação de entrevista, se nos mantemos com nossos propósitos dentro dos limites que nos são impostos pelo próprio fato da enquête. Enquanto em atlas lingüístico-etnográficos podem coexistir os estilos “resposta a perguntas” e “textos

narrativos” (por isso, este tipo de atlas sem vinculação sistemática é potencialmente diafásico), a maioria dos novos atlas somente lingüísticos não oferece, tanto quanto podemos ver, nenhuma possibilidade de testar esse parâmetro tão importante, porém extremamente complexo.

O ADDU contrasta, principalmente para fenômenos fonéticos, pelo menos três “fases” ou estilos: leitura, respostas a perguntas do “Questionário”, conversa livre / dirigida (cf. H. THUN). O ALM tem concentrado todos os seus esforços para obter, tanto quanto possível, realizações espontâneas, ao menos no nível fônico. Para os interessantíssimos mapas sintéticos utilizou-se, por isso, apenas as gravações de conversas (cf. J. M. LOPE BLANCH, introdução ao vol. 1 do ALM). Por outro lado, as seqüências que foram trabalhadas durante a entrevista representam igualmente um estilo, o qual, se não é espontâneo, mas sim controlado, apesar disso existe, sendo por isso digno de apresentação. O ALM não aproveita esta possibilidade. Não nos atrevemos a considerá-lo como “potencialmente diafásico”, porque é mais adequado ver a variação diafásica a partir do mesmo informante. É o indivíduo que seleciona os registros. Entretanto, o ALM escolhe intencionalmente informantes distintos para a conversa livre e para a parte de perguntas. Se agora comparássemos as seqüências fônicas de ambas as séries de gravações – com a condição de haver exemplos análogos em número suficiente –, nos veríamos cada vez obrigados a fazer malabarismos com duas variáveis (informantes e estilos), o que é muito difícil.

Também com relação à variação diafásica é de se esperar que encontre acolhida nos atlas planejados e que seja explicitamente contrastada. De qualquer forma, a descrição da variação diafásica põe em evidência uma necessidade especialmente notória de ajustes metodológicos e de aprimoramento das técnicas de gravação, para se convertê-la em um elemento constitutivo da documentação geolingüística. Devido ao grande número de estilos (“fases”) que ainda nem foram identificados como tal, o pesquisador se vê diante da necessidade de, na intenção de cartografar a variação diafásica, tomar o cuidado especial de preservar a “comparabilidade” dos demais parâmetros, mantendo-os para isso constantes. Dado no entanto que a problemática da apresentação cartográfica só em alguns casos específicos pode ser vista como isenta de problemas, uma grande parte do registro da variação diafásica, devido justamente à exigência de comparabilidade dos dados, fica reservada ao aprofundamento por estudos monográficos, ou seja o mapa como indicativo de problemas lança o desafio à monografia pontual.

3.2.6. Saber metalingüístico

Ainda mais difícil deveria ser registrar sistematicamente o saber metalingüístico dos falantes e cartografá-lo contrastivamente em conjunto com suas afirmações lingüísticas. No que se refere à terminologia, denomina-se a postura em relação à língua em termos de “attitudes”, “*volkstümliche Sprachwissenschaft*”,

“*linguistica spontanea*” (O. LURATI), “*lingüística imaginativa*” (H. THUN), “*delimitaciones subjetivas*” (A. ELIZAINCÍN). Para designar a variação que resulta das diferentes relações entre “postura com respeito à língua” e “conduta lingüística”, há que até mesmo encontrar ainda um nome. As contribuições de A. ELIZAINCÍN e H. THUN tentam demonstrar como “opinar” e “falar” se relacionam entre si.

3.2.7. Topostática e topodinâmica

No último trabalho mencionado acima, é sugerida também a subdivisão do parâmetro diatópico em “topostático” e “topodinâmico”. O primeiro aborda, de maneira tradicional, os grupos de falantes fixos à localidade, o segundo, os falantes móveis, cuja existência não pode ser ignorada pela geografia lingüística, se esta não quer fechar os olhos à vida moderna.

3.2.8. Inclusão do contato lingüístico

Escrever atlas lingüísticos plurilíngües é uma tradição que vai, em uma linha continuada, desde os grandes atlas nacionais da România até grandes projetos de atlas multilíngües como o ALE ou o atlas planejado para toda a România. Porém “plurilíngüe” não significa “contatual”. O fato de que é preciso documentar não somente a coexistência de línguas e variedades mas também a mútua influência que exercem umas sobre outras provavelmente só seja negado por aquele que ainda sonha com dialetos puros. “Língua mista (*Mischsprache*)”, “dialeto de transição (*Übergangsdialekt*)”, “língua ponte” são, hoje, termos correntes na romanística. Não-corrente nos estudos geolingüísticos da România é a busca intencional de fenômenos de contato lingüístico. Para isso, teríamos que desenvolver um método de levantamento de dados próprio. Especialmente para a América Latina, mas naturalmente também para a România européia e africana, vale reforçar o que Cl. WAGNER afirma em sua contribuição sobre o contato entre hispanófonos e falantes de mapuche no Chile: não considerar o contato entre línguas seria “*falsear la imagen lingüística del territorio en estudio*”. O. WINKELMANN, levantando dados em uma área de estudo mais restrita, adotou claramente o aspecto contatual. No âmbito de um espaço geográfico mais extenso e indo além da dimensão areal, o ADDU tenta considerar sistematicamente o contato lingüístico espanhol-português por meio de perguntas referenciais, isto é, através de perguntas relacionadas à outra língua, a qual, em princípio, não é a da entrevista.

O parâmetro contatual é uma dimensão independente. Seu estudo abre um novo caminho que conduz através de todos os planos das variedades, desde o idioleto, através da desdialektização (*Entdialektalisierung*), da regionalização e da formação de uma koiné da ou entre falas de grupos, até o contato entre línguas “comuns”. Não somente a dialetologia entendida como ciência geral da variação, mas já a geografia lingüística areal monodimensional deve aproveitar a

possibilidade do “estudio geolingüístico bilingüe” (Cl. WAGNER), ou melhor: “plurilingüe”. O fato de que as línguas ameríndias têm sido excluídas até agora dos atlas lingüísticos latino-americanos é compreensível devido às enormes dificuldades empíricas que tal empreendimento envolve; no entanto, esta situação não deve continuar em nossa época, quando a mobilidade populacional multiplica as situações de contato. O parâmetro contatual tampouco deve estar ausente no estudo das minorias, uma das grandes tarefas da geolingüística na América Latina (cf. W. KOCH). A não ser que na investigação das ilhas lingüísticas não se queira ver o “mar alóglota” que as circunda.

A inclusão do parâmetro contatual significa, ao mesmo tempo, a abertura de um novo campo de trabalho para a geolingüística, que agora também documenta cartograficamente a descrição de minorias. Ao longo de sua história, a geografia lingüística tem manifestado grandes dificuldades em relação a este ponto. Assim o prova o levantamento adicional de dados realizado por E. EDMONT na Córcega, no âmbito do ALF. Aqui, a sensibilidade para documentar línguas de minorias em atlas lingüísticos tem aumentado nos últimos tempos (cf. o ASLEF para as minorias de fala alemã no Friuli).

3.3. Problemas decorrentes e caminhos para a sua solução

3.3.1. Definição dos parâmetros

A quem, pois, amplia a diatopia monodimensional, os velhos problemas se apresentam mais prementes. Entre eles, se coloca o da definição dos novos parâmetros. Este aspecto foi mencionado no Simpósio, porém não discutido. A necessidade de uma eventual subdivisão dos pontos de inquérito em mais de um ponto já foi mencionada por nós na parte sobre a “*dialectología urbana*”. Em função disso, a rede diatópica torna-se mais densa em regiões industriais de grande concentração demográfica. O parâmetro diasssexual é facilmente aplicável. No caso do parâmetro diageracional, por outro lado, é necessário que nos questionemos sobre quantos grupos etários são significativamente diferenciados e se eles devem ser definidos de maneira “substancial”, isto é, de acordo com a idade biológica, ou “funcional”, por exemplo como “geração dos filhos” vs. “geração dos pais”. O mais difícil costuma ser o estabelecimento do parâmetro diastrático. O grau de escolaridade formal apresenta-se como um critério fácil de se inquirir. Por isso, foi também aplicado em atlas como o ALM e o ADDU. O MRhSA define ambos os seus grupos de informantes de acordo com a ocupação profissional dos mesmos (cf. G. BELLMANN). Parece ser impossível encontrar critérios simples e aplicáveis em toda parte, para áreas extensas e sociedades complexas. É necessário que decidamos se preferimos obter informantes em número suficiente em cada localidade, flexibilizando os critérios para cada caso, ou operar com critérios rigidamente definidos, correndo o risco de, em determinados lugares, não encontrar nenhum informante adequado.

3.3.2. Representatividade através da pluralidade de informantes

Com isso, nos defrontamos com o tão conhecido problema da representatividade. Há vários aspectos envolvidos. Com referência aos informantes, M. SIMONI-AUREMBOU defende os dialetólogos diante das críticas dos sociólogos, considerando que os primeiros pelo menos indicam fielmente de quem obtiveram as informações e como se caracterizam esses informantes. Outros, como F. MORENO FERNÁNDEZ, têm uma posição mais cética a respeito. Seria possível fazer uma objeção a eles observando que o atlas lingüístico, diferentemente de uma monografia pontual, não precisa necessariamente alcançar uma visão completa dos fatos variacionais. Quando ele fornece indícios seguros da variação, que oportunizam trabalhos mais aprofundados, ele cumpriu com a sua tarefa.

Na maioria dos atlas apresentados (MRhSA, ALM, ADDU, ALECMAN) e nos estudos pontuais (cf. N. DÍAZ, J. BLASER, C. FORTE, E. RADTKE) existe a tentativa de aumentar a representatividade dos dados por meio da consideração de vários informantes por ponto de inquérito. A prática já antiga de, adicionalmente ao informante principal, trabalhar com informantes secundários para um controle parcial das informações do primeiro, ou para aproveitar conhecimentos especiais, é complementada assim por meio da pluralidade completa. Aqui, configuram-se duas linhas. Uma delas poderia ser denominada a da “pluralidade simultânea” ou “de uma via só”. Ela pressupõe a presença, durante toda a gravação, de vários informantes que, naturalmente, devem corresponder a parâmetros idênticos. Essa pluralidade simultânea parte do princípio de que os falantes se complementam e se corrigem entre si, de modo que o inquiridor pode registrar, além das divergências, também o consenso. Nesse procedimento, resguardam-se ao informante seus direitos lingüísticos e metalingüísticos. O MRhSA, segundo parece, é o atlas que seguiu este caminho da forma mais conseqüente. O ADDU fez a mesma tentativa, porém teve que contentar-se algumas vezes com a pluralidade sucessiva, e não simultânea. A outra linha, a da “pluralidade de várias vias”, está representada pelo ALM. Para a elaboração deste atlas, aplicou-se o questionário completo paralelamente a todos os informantes, porém entrevistando cada um separadamente. Isso significa que o trabalho de controle e complementação de uma gravação através da outra está totalmente nas mãos do inquiridor ou de quem posteriormente trabalha os dados. Quem possui o monopólio metalingüístico continua sendo o lingüista. Esse procedimento não se distancia da idéia tradicional de “*qu’il ne faut pas laisser raisonner le témoin*”, usando as palavras de E. KOSCHMIEDER.

A palavra final sobre os dois procedimentos, no entanto, ainda não foi dada. Mas nos parece que a pluralidade simultânea de uma via só, que incentiva a conversação entre os informantes e permite reconhecer tanto divergências quanto consensos, corresponde melhor à visão da língua como comunicação e, dessa forma, também conduz a resultados mais representativos do que o método da pluralidade paralela, de várias vias, onde os falantes são isolados. A busca por uma melhoria da gravação (ou das técnicas de gravação) leva a uma redefinição do

papel do inquiridor (cf. MORENO FERNÁNDEZ), cujo resultado é uma aproximação recíproca de posições da lingüística, das ciências da comunicação e não por último da antropologia cultural.

3.3.3. Documentação do polimorfismo

Registrar, da forma mais completa possível, as variantes – do polimorfismo em sentido amplo – constitui tarefa central e genuína da geografia lingüística alargada a ciência da variação. O Simpósio deu uma boa impressão do trabalho incessante da geolingüística no seu programa para documentar o polimorfismo. J. M. LOPE BLANCH comprova com exemplos convincentes que uma análise dialetológica breve que não compreenda as diversas variações conduz diretamente a resultados falsos.

3.3.4. Continuum ou gradatum

Na “classificabilidade” das variantes encontra-se, a nosso ver, a solução para a questão amplamente discutida de se o espaço de variedades configura *continua* (cf. ao lado de J. M. LOPE BLANCH também G. BELLMANN) ou *gradata*. Contra a idéia de que os *continua* não podem subdividir-se, não parece opor-se apenas a consciência dos falantes (cf. especialmente Th. STEHL), mas também, pelo menos indiretamente, a representação mais comum de *continua* por meio de procedimentos que de fato apenas são adequados a *gradata* (por exemplo esquemas em quadradinhos com claras divisões internas). Se, nos expressivos “mapas sintéticos” do ALM, encontramos uma série de variantes organizadas estatisticamente em cada um dos pontos de inquérito, isso significa que o “polimorfismo livre” não pode ser totalmente livre, pois são registradas justamente preferências dos falantes. Essas preferências constituem fronteiras de *gradata* que estão se consolidando. Tudo isso ocorre na perspectiva dupla da mudança lingüística em curso (nível da atividade de fala) e do grau de precisão atingido pela ciência da variação (nível da observação lingüística). Sob a última “ótica”, o contínuo não seria nada mais do que uma fase a ser superada, na qual a “objetiva” ainda não está regulada com a devida nitidez. No que diz respeito ao primeiro aspecto, o da coexistência de formas equivalentes no comportamento lingüístico, a moderna geografia lingüística deveria ter a função de, com seu programa pluridimensional, revelar passo a passo que a variação, na realidade, não é livre, mas condicionada. Isso parece mostrar-se de forma especialmente nítida quando se desenvolverem os métodos apropriados para o registro da variação diafásica e, com isso, for dada também a devida atenção às formas de elocução rápida (às quais faz referência sobretudo H. LÜDTKE).

3.3.5. Representação gráfica do polimorfismo e da pluridimensionalidade

Conforme enfatiza H. LÜDTKE, uma das tarefas da geolingüística é prestar serviços a disciplinas afins, como por exemplo a “cronolingüística” ou a lingüística românica comparada. Essa prestação de serviços, no entanto, só pode ser considerada boa se os dados variacionais também forem acessíveis, legíveis e úteis a outros pesquisadores não-geolingüistas. No caso da enorme quantidade de dados que é reunida pela ciência da variação pluridimensional, isso significa acima de tudo que devemos examinar com muito cuidado a melhor maneira de apresentação do material. Uma afirmação muito difundida nos manuais é de que existe uma divisão do mundo geolingüístico em uma parte germanística, na qual seriam esboçados mapas com símbolos, e uma parte romanística, na qual se continuaria com mapas analítico-pontuais. Os projetos de atlas mais recentes demonstram uma vez mais que isso já não é mais assim.

As inovações na técnica de apresentação mereceriam uma discussão mais detalhada. Pelo menos é possível reconhecer, nos mapas reproduzidos nestes anais, que caminhos estão sendo tomados (cf. G. BELLMANN, O. WINKELMANN, J. J. MONTES GIRALDO, H. THUN). A tentação de sobrecarregar os mapas com informações ainda não parece ter sido superada e, algumas vezes, parece inclusive ter sido favorecida pelas possibilidades técnicas atuais. Isso, porém, talvez ainda seja melhor do que o atlas lingüístico sem mapas que alguns propõem com a afirmação de que cada um poderia elaborar o mapa que lhe interessasse, a partir de um banco de dados, ao qual tivesse acesso.

Entre as soluções dos problemas que surgem com a pluridimensionalidade e a representação (a mais exhaustiva possível) do polimorfismo, destacam-se o uso combinado de mapas analíticos e de símbolos, a conexão de mapas de símbolos com listas de formas transcritas, o contraste sinóptico de mapas paralelos que se diferenciam pelos parâmetros enfocados (por exemplo mapas separados de acordo com a geração), assim como a distribuição hierárquica dos dados em uma série temática de cartas (que, por exemplo, num nível mais amplo e mais abstrato, retrata a mera ocorrência de um fenômeno e, num nível mais profundo e concreto, a forma transcrita como uma das variantes que um informante utiliza).

O mínimo que se pode exigir de um mapa lingüístico moderno é a indicação estatística da quantidade dos exemplos com que se trabalha.

Uma verdadeira inovação dos recursos na geografia lingüística constituem as amostras lingüísticas gravadas em CD, que aparecem anexadas ao ALD e que convertem esse atlas ladino-dolomita realmente em um “atlas lingüístico que fala” (cf. R. BAUER). Em breve, será tão comum e tão simples gravar CDs virgens, como o é hoje a gravação de fitas de rolo ou cassetes. A seleção e a compilação dos exemplos sempre dispense muito tempo. Porém, o ganho em clareza acústica compensa o esforço.

3.3.6. Novas técnicas de processamento de dados

Os novos atlas surgem quase todos com o auxílio parcial ou principal de um computador, de um banco de dados e de uma impressora ou de um *plotter*. A. PENNISI apresenta um projeto bem estruturado que foi concebido para o atlas lingüístico siciliano (ALS). Th. WOLF demonstra, na sua contribuição sobre o *Kleiner Flämi-scher Sprachatlas*, que as técnicas desenvolvidas e testadas sob a coordenação de H. VEITH para o *Kleiner Deutscher Sprachatlas* são transferíveis a outros projetos.

3.3.7. A cooperação técnica

Quanto à cooperação técnica, a geolingüística românica apresenta-se como um país em desenvolvimento. Essa constatação foi bastante lamentada, durante o Simpósio. Infelizmente, não se avançou para além das ofertas concretas de intercâmbio de pessoas e de conhecimento técnico (cf. R. BAUER e M^a do Socorro SILVA DE ARAGÃO). Nesse ponto, o caminho trilhado por H. VEITH e seus colaboradores poderia conduzir, também na România, à conclusão de atlas a partir de dados abandonados que ainda não foram devidamente trabalhados.

3.3.8. Sistema de transcrição

Se nos ajudássemos mutuamente com mais freqüência, certamente também resolveríamos muito mais rapidamente problemas básicos, como o armazenamento de formas transcritas.

Porém o uso do computador pode também conduzir a antigos vícios. É fácil produzir símbolos fonéticos os mais variados, e tantos quantos se desejar. Isso pode incentivar a tendência da geografia lingüística de introduzir sempre novos símbolos à medida em que se avança na transcrição, e isso porque se acredita estar ouvindo sempre novas nuances. No fim, chega-se facilmente a uma lista caótica. Diante disso, E. TERNES defende, com razão, o sistema API (ou IPA), cujo traço estrutural é a organização paradigmática dos símbolos. Isso obriga a considerar o inventário já existente, antes de pretender qualquer ampliação.

3.4. Inclusão de níveis complexos da estrutura da língua

A exigência de incluir nos atlas lingüísticos níveis de estruturação mais complexos que os segmentos fônicos, os lexemas e as estruturas morfossintáticas elementares não é nova. No entanto, apenas lentamente vem-se iniciando o caminho para esses níveis mais complexos da estruturação lingüística.

3.4.1. Sintaxe

É bastante difícil estimular configurações sintáticas de formas comparáveis e, além disso, sob condições as mais espontâneas possíveis. Por isso, a sintaxe sempre foi uma filha enteada da geolingüística (G. ERNST), embora, como mostra B. FORINO, de um atlas como o AIS – mesmo que extremamente aproximado da língua padrão – também se possa obter informações sintáticas. No estágio atual dos conhecimentos, nós apenas podemos fazer conjecturas sobre a dimensão da variação sintática. Contudo, não devem ser grandes as diferenças entre as variedades no nível da oração.

3.4.2. Entonação

Outra grande lacuna nas pesquisas é dada pelos fenômenos de prosódia. Os falantes têm uma forte intuição, constantemente reforçada, para a variação de entonação. Mas raramente eles conseguem elucidar essa intuição com palavras. Dado que os traços supra-segmentais pertencem aos procedimentos tradicionais de diferenciação dos falantes (citados, muitas vezes, por meio da imitação do outro), pode-se afirmar, com todo direito, que a pesquisa geolingüística da entonação ainda se encontra em uma relação inversa à importância que os falantes atribuem à prosódia. P. MATURI mostra um caminho intermediário entre as gravações em laboratório (“*in vitro*”) e as gravações em locais abertos (“*in vivo*”) que não é viável apenas na sua área de estudo, que envolve o italiano da região de Nápoles e os dialetos da Campânia. Uma outra contribuição concentrada no estudo de uma área maior e que analisava a entonação do espanhol e do português no Uruguai, infelizmente não foi encaminhada a nós para a publicação.

3.4.3. Textos

Em princípio, não há nada que fale contra incluir também textos completos nos atlas lingüísticos. Dentre os tipos imagináveis de variação, o aspecto temático pertence antes ao âmbito da etnografia, que já há muito tempo coleta e compara “etnotextos”. A variação na técnica de produção textual (por exemplo a construção do suspense) entra na área de uma disciplina, ainda sem nome, sobre o uso cotidiano e dominical da língua. Pressupondo que se consiga obter textos comparáveis, pode contudo ser muito bem analisada aqui a variação de elementos do diálogo (*Dialogwörter*) como as palavras modais e as partículas enfáticas (*Abtönungspartikeln*), ou procedimentos transfrásticos como a pronominalização ou a *consecutio temporum*. Em princípio, são estes procedimentos e elementos lingüísticos igualmente cartografáveis. O que mais facilmente se poderia representar parece ser a variação de mini-textos pré-estabelecidos, como as expressões idiomáticas. O atlas paremiológico planejado por T. FRANCESCHINI ainda está muito distante da implementação concreta e não tem previsão para aparecer.

3.4.4. Procedimentos paralingüísticos

Através do estudo de gestos, tem-se comprovado a vinculação da variação com técnicas paralingüísticas. Não se tem conhecimento de estudos de gestos e de mímica em grandes espaços geolingüísticos. Também não pudemos encontrar ninguém que estivesse disposto a falar sobre os caminhos nesta "terra inexplorada", em nosso Simpósio. Baseando-se em levantamentos monográficos sobre os gestos (como os trabalhos de G. MEO ZILIOS) seria altamente interessante investigar os efeitos de adstratos ou substratos paralingüísticos em regiões lingüísticas coloniais, por exemplo estudar a gestualidade originada da influência dos imigrantes italianos em zonas de colonização hispanófonas.

3.5. A geolingüística e as ciências adjacentes

A colaboração empírica e o intercâmbio de métodos têm unido a geolingüística e a etnografia (folclore, antropologia cultural) desde o AIS. M^a do Socorro SILVA DE ARAGÃO documenta essa ajuda mútua no caso do *Atlas Lingüístico da Paraíba*. J. J. MONTES GIRALDO elucida, a partir da clássica área da etnomedicina, como a geolingüística e a antropologia podem se corrigir uma à outra para o proveito de ambas. F. AVOLIO enfatiza o significado da etnolingüística para a descrição adequada de dialetos em determinadas áreas profissionais e científicas específicas, especialmente na agricultura, esquematizando, com base em alguns projetos de trabalho no sul da Itália Central, a estreita interligação entre o que é relevante para a dialetologia e o que importa para o estudo do folclore. Em sua síntese bastante ampla, contendo múltiplos aspectos, O. LURATI critica tanto a ocupação tradicional da etnolingüística que se contenta com a inventarização muitas vezes meramente atomista, como a tendência estruturalista de "independentização" de conceitos. LURATI reserva à etnolingüística a grande tarefa de apreender os valores culturais que se expressam através da língua e a realidade estabelecida lingüisticamente pela comunidade. O autor considera como um dos temas principais da etnolingüística, tanto sincrônica quanto histórica, a luta entre a oralidade e a língua escrita. O objetivo do estudo deveria ser a compreensão do "fatto sociale totale", meta que, segundo o mesmo autor, seria melhor alcançada, hoje em dia, através do etnofilme do que através do questionário. Com a reivindicação de não questionar os informantes de forma interrogatória, mas deixá-los conversar sobre a sua cultura (com o explorador participando como uma espécie de moderador), a etnolingüística requer o mesmo que a geolingüística, quando esta reúne vários informantes em busca da pluralidade simultânea. Obtém-se aqui a impressão de que, em comparação com os outros desideratos da colaboração entre ciências afins, a interligação interdisciplinar entre a etnografia e a dialetologia foi a que mais progrediu, além de, com os novos métodos, possibilitar sem grande esforço a aproximação de etnólogos e dialetólogos.

4. UMA VISÃO DE CONJUNTO

O estado atual da geolingüística românica permite distinguir duas correntes claramente delineáveis. Por um lado, a geolingüística persiste no caminho já experimentado de uma ciência que delega a si a descrição de dialetos de base como objetivo primordial e que define como tarefa sua o acúmulo de um máximo de projetos similares, com o objetivo de obter uma ótima densidade de dados (veja-se F. AVOLIO, M. SIMONI-AUREMBOU). Por outro lado, pode-se perceber de maneira insistente uma tendência de enriquecer esta aspiração tradicional com um modelo variacional de maior alcance metodológico e que considere novas possibilidades da técnica de levantamento de dados. Observa-se que na România, em alguns países como a França, impera com maior força a tendência conservadora; outros países, ao contrário, estão mais abertos a esforços renovadores. Esta bipartição evidentemente depende também do balanço do que se realizou até agora a nível nacional. Somente a disposição a uma abertura dos projetos geolingüísticos existentes, no sentido de um diálogo científico de cooperação internacional, pode reunir novamente estas duas correntes. É claro que os parâmetros herdados podem ser, como no caso dos atlas regionais franceses, aperfeiçoados; com isso, se corre porém o risco de, ao mesmo tempo, se auto-isolar.

Como os geolingüistas podem colaborar para a melhoria de sua própria ciência? No nível da organização, se delineam, a nosso ver, três áreas que poderiam modificar a situação do momento. Em primeiro lugar, os projetos geolingüísticos, daqui por diante, deveriam com mais força tornar realidade os modelos de cooperação e não ser elaborados por uma só parte. Em segundo lugar, parece necessário que a formação dos colaboradores continue sendo estendida para o conjunto dos projetos; até agora, a formação tem sido individual, ligada a um projeto particular, sem intercâmbio com as diferentes maneiras de trabalhar de outra pesquisa. Em terceiro lugar, deveria ser estimulada a apresentação periódica de um projeto para assegurar que a discussão necessária ao seu êxito tenha efetivamente lugar.

É quase impossível que, em uma reunião conjunta, possam ser tratados todos os problemas que ocupam uma ciência, e mais ainda quando esta cobre um campo de investigação tão vasto como o da geolingüística.

O resultado principal que também deve ter surpreendido a alguns participantes de nosso Simpósio pode ser resumido com as seguintes palavras: a geolingüística está em vias de converter-se em uma ciência abrangente da variação. Ela aproveita as técnicas de processamento de dados com grande naturalidade e, em parte, com a intenção de inovar. Lhe resta ainda conquistar os níveis mais complexos da estrutura da língua. Espera-se que, nesse intuito, não se perca de vista as características que a tem salvado de todas as crises, verdadeiras ou sugeridas: a orientação para o realizável e o enraizamento em uma base empírica.

AUTORES CITADOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO SIMPÓSIO

- AVOLIO, Francesco. *Prospettive della ricerca etnolinguistica in area mediana e meridionale*.
- BAUER, Roland. *Die romanische Geolinguistik im Spannungsfeld von Wirtschaft und Wissenschaft: Kooperationsmodelle im Projekt ALD I*.
- BAUER, Roland. *Strumenti e metodi di rilevamento per la raccolta dei dati di ALD I*.
- BELLMANN, Günter. *Arealität und Sozialität? Avec un résumé en français*.
- BERNHARD, Gerald. *Il romanesco in famiglia. Indagine micro-sociolinguistica sulla variazione linguistica generazionale a Roma*.
- BLASER, Jutta. *Centro urbano, sub-centro y zona rural (Bagé, Rio Grande del Sur)*.
- DÍAZ, Norma. "... und in welcher Sprache träumst Du?" "Da kür ik ma português." (Apuntes sobre un caso de contacto lingüístico en el sur de Brasil).
- ELIZAINCÍN, Adolfo. *Norte y Sur en el territorio lingüístico uruguayo*.
- ERNST, Gerhard. *Sintassi del dialetto / sintassi del parlato*.
- FORINO, Biagio. *I pronomi personali soggetto in varietà campane*.
- FORTE, Carlos E. *Microdialectología urbana: Berisso (Argentina). Un fenómeno de aculturación acelerada*.
- KOCH, Walter. *Deutsche Sprachinseln in Südbrasilien. Möglichkeiten und Probleme ihrer Untersuchung*.
- LOPE BLANCH, Juan M. *El polimorfismo lingüístico y el Atlas de México*.
- LÜDTKE, Helmut. *Geolinguistik, Chronolinguistik und vergleichende romanische Sprachwissenschaft*.
- LURATI, Ottavio. *Linguistica y nuovi bisogni culturali*.
- MATURI, Pietro. *Dati sperimentali sull'intonazione nell'italiano di Napoli e nei dialetti campani*.
- MONTES GIRALDO, José J. *Medicina popular y geolingüística*.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Método geolingüístico y método sociolingüístico. El factor "sexo" en los atlas*.
- PENNISI, Antonino. *Si può informatizzare la variabilità linguistica? Esperienze dell'ALS e dell'OLS*.
- RADTKE, Edgar. *Spostamenti di isoglosse dovuti a differenziazioni generazionali*.
- RUFFINO, Giovanni. *Il progetto dell'Atlante linguistico della Sicilia (ALS) nel quadro dell'attuale geolinguistica regionale italiana*.
- SILVA DE ARAGÃO, Maria do Socorro. *Obtenção de dados para a pesquisa dialetal através da cultura popular*.
- SILVA DE ARAGÃO, Maria do Socorro. *Possibilidades de cooperação internacional em projetos de pesquisa geolingüística*.
- SIMONI-AUREMBOU, Marie-Rose. *Le problème de la représentativité des témoins dans les nouveaux atlas linguistiques de la France*.
- STEHL, Thomas. *Competenza, pragmatica e linguistica della variazione: problemi d'inchiesta e d'interpretazione in geolinguistica*.
- TERNES, Elmar. *Für die Verwendung des Internationalen Phonetischen Alphabets (IPA) in der romanischen Dialektologie*.
- THUN, Harald. *Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera*.
- WAGNER, Claudio. *Geolingüística: problemas de ajuste en situaciones de contacto*.
- WINKELMANN, Otto. *La geolingüística pluridimensional y el análisis de situaciones de contacto lingüístico*.
- WOLF, Thomas & VEITH, Werner H. *Kleiner Flämischer Sprachatlas. (KFSA). Computative Konzeption*.